

Ofensiva busca o apoio dos europeus

VERA RAMOS
Correspondente

Londres — O Governo brasileiro começa a sua ofensiva a fim de convencer os parceiros europeus sobre a sua nova proposta de renegociação da dívida externa. E com esse propósito que o presidente do Banco Central, Ibrahim Eris, virá a Londres na próxima semana para uma reunião de trabalho com o presidente do Banco da Inglaterra, Robin Leigh Pemberton. O encontro está previsto para terça-feira, às 16h45.

Da capital inglesa, o presidente do BC segue seu périplo europeu, começando por França, Itália e, finalmente, Alemanha. Em Paris, Ibrahim terá audiências com autoridades do governo além de contatos com representantes do Clube de Paris. Em todos esses encontros, ele tentará convencer seus interlocutoras de que a proposta que o Brasil apresenta nesta segunda-feira, em Nova Iorque, ao Comitê Assessor dos Bancos Credores, é um bom começo para a renegociação da dívida como um todo.

A vinda do presidente do Ban-

co Central a Londres surpreendeu os representantes dos principais bancos credores ingleses — Midland e Lloyd's. Mas embora não tenham conhecimento detalhado sobre a nova proposta brasileira para a renegociação da dívida, afirmaram que desde que o Brasil se comprometa a pagar juros atrasados, o diálogo fluirá com mais facilidade.

Em sua conversa com o presidente do Banco da Inglaterra, Robin Leigh Pemberton, Ibrahim Eris sabe que não terá chances de contar com a ajuda do governo inglês para uma renegociação do principal da dívida sem a concretização de pagamento de parte dos juros atrasados. Conquanto o Banco da Inglaterra não se intrometa em assuntos relacionados com instituições privadas do país, a entidade já deu claras demonstrações de que o diálogo com o Brasil só será reatado depois de retomada dos pagamentos em atraso.

Segundo o representante do Lloyd's, Tom Davies, os banqueiros estão dispostos a formalizar um bom acordo, desde que o Brasil se comprometa a pagar

uma parcela "substancial" dos juros atrasados. Embora ele tenha preferido não indicar o montante considerado substantivo, sabe-se que a proposta da ministra Zélia Cardoso de Mello, de pagar em torno de 2,5 bilhões de dólares foi bem aceita pelos credores internacionais.

Indagado se o Lloyd's aceitaria, como condições básicas para o pagamento dos juros atrasados, um acordo total e definitivo sobre a dívida, Tom Davies foi cauteloso. Disse que sem saber os detalhes desse proposta, o banco não poderia se pronunciar oficialmente.

Pela disposição dos banqueiros ingleses, contudo, há boas chances de o Brasil fechar um acordo definitivo para a rolagem de sua dívida externa. Segundo eles, é pré-requisito básico para a retomada do diálogo com o sistema financeiro internacional já foi preenchido com o compromisso de pagar uma parte substancial dos juros atrasados. Acham que se o Brasil não concordasse com o pagamento dos serviços em atraso, as negociações se prolongariam indefinidamente e sem chances de sucesso.